

ARS AKASHA

MEDIUNIDADE

A PONTE QUE ALGUMAS PESSOAS NASCEM JÁ CONSTRUÍDA

Em toda cultura, em toda época, sempre existiu gente que ouve, vê ou sente o que os outros não conseguem. Isso tem nome — e tem técnica.

Mago HNS RE

Teurgo, Ocultista, Dirigente Espiritual · Criador do Método Ars Akasha

ANTES DE COMEÇAR

Desde a Grécia antiga, passando pela Sibéria, pelos terreiros do Brasil e pelos salões espíritas do século XIX, toda cultura humana registrou o mesmo fenômeno sob nomes diferentes: pessoas capazes de servir de ponte entre o mundo material e algo além dele. Isso nunca foi exclusividade de uma religião ou de um continente. É faculdade humana — só que distribuída de forma desigual, mais forte em uns, quase ausente em outros.

Muitas vezes as pessoas me procuram, me buscam nos atendimentos, sentindo coisas que não sabem nomear — um arrepio que avisa antes de algo acontecer, uma voz interna que não é bem pensamento, um cansaço estranho depois de certos ambientes ou certas pessoas. Na maioria das vezes, isso não é “coisa da cabeça”. É mediunidade ativa, sem orientação.

“Em toda cultura, em toda época, sempre existiu gente que ouve, vê ou sente o que os outros não conseguem. Isso tem nome — e tem técnica.”

O que vem a seguir não é a leitura do seu perfil mediúnico pessoal. É a prova de que esse fenômeno atravessou todas as culturas humanas registradas, de que existe técnica séria pra entender qual tipo você carrega — e de que viver com mediunidade ativa sem saber lidar com ela é gastar energia com algo que podia, ao contrário, te fortalecer.

UMA PALAVRA DE RESPEITO

Esse conhecimento não nasceu comigo. Ele atravessou gerações de terreiros, de casas espíritas, de pais e mães de santo, de dirigentes que guardaram esse saber com décadas de entrega — muito antes de chegar até mim, e muito antes de chegar até você. O que você vai ler aqui é uma porta de entrada, não um substituto pra tradição viva de nenhuma casa.

Cada terreiro, cada centro, tem sua própria forma de desenvolver e trabalhar a mediunidade de seus médiuns — e isso merece ser respeitado, não atropelado. Se essa apostila despertar em você o desejo de desenvolver o que sente, busque orientação de quem carrega axé de verdade, dentro de uma casa séria. Esse é o único caminho certo.

CAPÍTULO I

O Que é Mediunidade, Sem Enrolação

Mediunidade é a capacidade de servir de ponte entre o plano físico e o que existe além dele — espíritos, energias, planos sutis, conforme a tradição que nomeia o fenômeno. Allan Kardec, ao sistematizar o Espiritismo no século XIX, descreveu a mediunidade como faculdade natural, presente em grau maior ou menor em todo ser humano — não dom raro reservado a poucos, mas capacidade universal que varia de intensidade.

Aqui está o primeiro ponto que ninguém te conta: ter mediunidade não é, por si só, nem bênção nem maldição. É ferramenta. Quem aprende a reconhecer o próprio tipo e a trabalhar com ele de forma consciente vive diferente de quem carrega a faculdade sem entender — sentindo coisas, captando energias, sem saber o que fazer com isso além de se sentir estranho ou sobrecarregado.

CAPÍTULO II

Os Tipos de Mediunidade Segundo a Doutrina Espírita

Kardec classificou a mediunidade em diversos tipos, e essa classificação segue sendo referência até hoje. Vou te apresentar os principais, com mais profundidade do que costuma circular por aí — sem te dizer qual é o seu, porque isso exige leitura individual, não cabe numa apostila genérica.

Psicofonia (incorporação) — o espírito fala através da voz do médium. Divide-se em duas formas bem distintas: a consciente, em que o médium recebe as ideias do espírito de forma telepática e as verbaliza com as próprias palavras, mantendo noção do que está sendo dito; e a inconsciente, em que o médium empresta literalmente o aparelho vocal, sem guardar nenhuma lembrança da comunicação depois. A psicofônica inconsciente, quando mal desenvolvida ou trabalhada sem mérito moral e responsabilidade, é justamente o tipo que mais expõe o médium a risco de subjugação — daí a importância de desenvolvimento sério, nunca por conta própria.

Psicografia — o médium escreve mensagens vindas de espíritos, e aqui também existem graus distintos: a mecânica, onde a mão do médium é tomada quase por completo, escrevendo de forma automática, muitas vezes sem domínio consciente do movimento; a semimecânica, onde existe alguma participação da consciência do médium no processo; e a intuitiva, a mais comum, onde o espírito transmite a ideia e o médium escreve com o próprio estilo, recebendo o conteúdo como se fosse pensamento próprio bem definido. Chico Xavier, o psicógrafo mais conhecido do Brasil, trabalhava majoritariamente nessa última forma.

Vidência (clarividência) — capacidade de ver espíritos ou cenas espirituais, considerada rara mesmo entre médiuns desenvolvidos. Pode se manifestar de duas formas: com os olhos físicos abertos, vendo a cena sobreposta à realidade material, ou como visão interna, projetada na consciência como se fosse imaginação — mas com nitidez e autonomia que a imaginação comum não tem. É chamada também de segunda-vista, porque é a alma vendo, não os olhos.

Audiência (clariaudiência) — o médium ouve, interna ou externamente, vozes que comunicam mensagens. Costuma vir acompanhada de uma sensação física específica, como pressão ou zumbido momentâneo no ouvido, antes da mensagem se formar com clareza.

Intuição — pensamentos ou imagens que chegam à mente do médium sem serem reconhecidos como pensamento próprio. É o tipo mais comum de todos, e também o mais fácil de ignorar ou confundir com “ideia da própria cabeça” — muita gente vive intuição mediúnica a vida inteira sem nunca reconhecer isso pelo nome certo.

Sonambulismo (mediunidade anímica) — comunicação que ocorre em estado de transe profundo, parecido com sono, em que o médium relata o que vê, ouve ou sente nesse estado alterado de consciência. Diferente da vidência comum, exige um nível mais profundo de desligamento do corpo físico.

Cura — capacidade de canalizar energia com efeito terapêutico sobre outras pessoas, através de imposição de mãos ou de outras técnicas de passe. Médiuns de cura costumam sentir calor ou formigamento nas mãos no momento da prática, mesmo antes de qualquer desenvolvimento formal.

Psicometria — capacidade de captar informações sobre pessoas, lugares ou acontecimentos passados através do contato físico com um objeto ligado àquela história — uma joia, uma carta, um pertence. A teoria por trás é que objetos retêm impregnação energética de quem os possuiu, e o médium psicômetra acessa essa camada pelo simples toque.

Desdobramento — capacidade do médium de se projetar, em corpo espiritual, pra fora do corpo físico, mantendo percepção e podendo relatar o que vivenciou nesse estado — uma forma mais avançada e mais rara de experiência fora do corpo.

Transfiguração — durante a incorporação, as feições do rosto do médium se alteram visivelmente, a ponto de parecerem, por instantes, o rosto de outra pessoa — geralmente associada a manifestações de espíritos com forte ligação afetiva ou familiar com quem está presente.

Xenoglossia — o médium fala ou escreve em idioma que nunca aprendeu, durante o estado de comunicação. É um dos tipos mais raros e mais documentados como evidência forte de mediunidade real, justamente por ser difícil de simular ou explicar de outra forma.

Efeitos físicos — os tipos mais raros de todos, onde a manifestação produz fenômeno materialmente perceptível: materialização, em que o espírito se torna visível ou tangível pra quem está presente, e transporte, em que objetos se deslocam sem explicação física alguma.

CAPÍTULO III

Mediunidade ao Redor do Mundo

O mesmo fenômeno aparece, com nomes diferentes, em praticamente toda tradição humana registrada. Na Grécia antiga, por mais de mil anos, as sacerdotisas do templo de Delfos — as pitonisas — entravam em estado de possessão, supostamente pelo deus Apolo, e davam conselhos a reis e a pessoas comuns. Platão já descrevia esse estado como uma forma de inspiração que afastava a pessoa da própria sobriedade comum.

Na Sibéria e em diversas culturas xamânicas ao redor do mundo, o xamã entra em transe — muitas vezes através de jejum, dança, tambor ou substâncias rituais — pra alcançar planos espirituais e trazer cura, orientação ou contato com os antepassados. A diferença clássica entre xamanismo e possessão, descrita por estudiosos da área, é de direção: o xamã sobe até os espíritos; o médium em transe de incorporação recebe o espírito descendo até ele.

Nos terreiros de Candomblé e Umbanda, a mediunidade aparece como incorporação de Orixá, de guia, de Exu — vivida, em muitas casas, como dom que não pode ser recusado, parte da própria identidade espiritual da pessoa desde antes do nascimento. E no Espiritismo, sistematizado por Kardec no século XIX, o mesmo fenômeno ganhou classificação técnica detalhada, sem perder a essência: pessoas servindo de ponte entre dois mundos.

CAPÍTULO IV

Por Que Descobrir Seu Tipo Muda Tudo

Aqui está o que confunde muita gente que tem mediunidade ativa sem orientação: tentar desenvolver um tipo que não é o seu, ou reprimir o tipo que realmente é, gera os dois o mesmo resultado — cansaço, confusão, sensação de estar “errado” por dentro. Quem tem intuição forte mas tenta forçar vidência, por exemplo, frustra-se tentando ver o que devia, na verdade, apenas sentir.

Reconhecer o próprio tipo — ou a combinação de tipos, porque é comum carregar mais de um — muda completamente a forma como a pessoa vive a própria sensibilidade. Deixa de ser fardo confuso e vira ferramenta que se aprende a usar.

CAPÍTULO V**Por Que “Qual é Sua Mediunidade” de Internet Não Chega Nem Perto Disso**

Vou ser direto, porque é a verdade e você merece ouvir: aqueles testes de “descubra seu dom espiritual” tratam mediunidade como traço de personalidade, com dez perguntas genéricas e um resultado solto, sem nenhuma técnica de cálculo, sem cruzar com nada da sua estrutura individual.

Não é leitura. É superfície disfarçada de profundidade.

O Método Ars Akasha não trabalha com teste de personalidade. Trabalha cruzando técnica real de regência espiritual com o instante exato do seu nascimento, identificando que tipo ou combinação de mediunidade você carrega, e como desenvolver isso de forma segura.

CAPÍTULO VI

O Que Você Não Consegue Identificar Sozinho

Mesmo sabendo agora os principais tipos de mediunidade e como esse fenômeno aparece em culturas diferentes ao redor do mundo, você ainda não consegue identificar com precisão qual é o seu sozinho. Não é falha sua — essa leitura exige técnica precisa, interpretada dentro do contexto inteiro da sua estrutura espiritual.

É isso que a leitura do seu perfil mediúnico, dentro do Ars Akasha, entrega: qual tipo ou combinação de mediunidade você carrega, com que intensidade, e como desenvolver isso com segurança, em vez de viver sentindo sem entender. Não um teste genérico de personalidade. Um diagnóstico real sobre a ponte que você já carrega por dentro.

PARA VOCÊ, AGORA

SEU PERFIL MEDIÚNICO, REVELADO

Eu identifico qual tipo, ou combinação de tipos, de mediunidade você carrega, e com que intensidade ela se manifesta na sua vida. Mostro o que isso significa na prática, e digo, sem rodeio, como desenvolver isso com segurança.

Isso não é palpite. É leitura feita com técnica precisa, lida com décadas de prática teúrgica e sacerdotal real.

Para gerar a sua, eu preciso de três informações:

Data de nascimento · Horário exato · Cidade, estado

ARS AKASHA

arsakasha.com · akashamistica.com.br

Instagram

@ars.akasha · @akasha.misticaoficial